

SUBJETIVIDADE E LAZER: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA*

Bruno Assis de Oliveira¹

br.olivei@gmail.com

Edson Marcelo Hungaro²

marcelohungaro66@gmail.com

¹Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP)

²Universidade de Brasília (UNB)

RESUMO

Constatada a pouca ocorrência e os limites das pesquisas que abordaram a relação entre lazer e subjetividade, identificamos nos estudos do lazer vinculados a tradição marxista a possibilidade de desenvolvimento do tema por partirem da mútua determinação sujeito-objeto. Importante elemento nas disputas entre capital e trabalho, reconhecemos no lazer tanto a possibilidade de obliteração da subjetividade (alienada), quanto de questionamento dos limites da liberdade e felicidade por ele prometidos.

PALAVRAS-CHAVE

Lazer; Subjetividade; Emancipação Humana

INTRODUÇÃO

Durante a pesquisa encontramos um conjunto de trabalhos recentes que retomaram o movimento de crítica dos estudos do lazer (EL) iniciado na década de 1980 no Brasil.

Destacamos desse grupo três teses produzidas nos últimos 15 anos por professores vinculados aos programas de Educação Física: *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer* (MASCARENHAS, 2005); *Estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels* (PEIXOTO, 2007) e; *Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer* (HUNGARO, 2008).

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Conforme desenvolvíamos as leituras observamos com maior atenção o problema da subjetividade² e suas relações com o lazer. Nas buscas específicas, como demonstraremos, foram raras e problemáticas as pesquisas sobre o tema³.

Sob influência da chamada hipermodernidade (PINHEIRO, RHODEN, MARTINS, 2010) ou da corrente pós-moderna (RHODEN, 2009), a partir da Psicologia Social⁴ são aclamados os “poderes” do ócio. A vivência do ócio é em-si tratada como “experiência positiva e transformadora de natureza subjetiva”, ocupação desejada, expressão de sua “identidade”, resultado da “escolha livre”, “conectando-se com o mundo da emotividade individual” (MARTINS, 2008).

Baseados na lógica das ciências naturais, outros estudos estabelecem relações entre qualidade de vida e a perspectiva subjetiva. Em geral, o sujeito aparece limitado a uma variável entre outras, dependente do nível sociocultural, da faixa etária e das aspirações pessoais.

Ambas demonstram desconsiderar o processo histórico na análise do lazer. Entendemos que nenhuma dessas abordagens possui condições de estabelecer uma análise consequente das relações entre subjetividade e lazer. De outro modo, no ensaio intitulado *Trabalho, Subjetividade e Lazer: Estranhamento, fetichismo e reificação no capitalismo global*, Giovanni Alves (2006) sugere a investigação crítica dos impactos do capitalismo global e do sociometabolismo da barbárie sobre o trabalho e o lazer.

Tanto a leitura das três teses quanto o capítulo acima citado estabeleceram uma relação de mútua determinação entre sujeito e objeto, tão cara ao método do Materialismo Histórico e Dialético que norteou nosso estudo. De modo geral, a subjetividade se apresenta como um componente inseparável dos processos de formação da vida humana. Ao constituírem uma relação, o indivíduo não pode ser considerado apenas no seu caráter objetivo, determinado pela base econômica, mas em seu processo de autodeterminação. É nesse processo que se criam novas formas de objetivação, que possibilitam novas formas de subjetivação. Sendo assim, a subjetividade não corresponde a um dado natural, imediato ao indivíduo, mas é construída historicamente, atravessada pelas contradições de classe, e representa elemento essencial na construção, na transformação, na apreensão e na interpretação cognitiva do real.

Assim chegamos ao problema de pesquisa: *Quais as relações entre lazer e subjetividade?* Orientado pelo objetivo geral de investigar a subjetividade e suas relações com o lazer, incorporamos outros eixos de investigação: *Como as transformações recentes realizadas na relação tempo livre/tempo de trabalho impactaram o modo de ser dos trabalhadores? Considerando o lazer ser a forma predominante de ocupação do tempo livre na contemporaneidade, quais os seus determinantes? Assumindo a perspectiva da emancipação humana, qual deve ser o lugar do lazer no projeto emancipatório?*

Como importante elemento nas disputas entre capital e trabalho, reconhecemos no lazer tanto um dos terrenos possíveis de obliteração/inversão da subjetividade (estranhada), quanto a possibilidade de questionamento dos limites da “liberdade” e “felicidade” por ele prometidos.

ESTRUTURA DA PESQUISA

A pesquisa foi organizada em quatro capítulos⁵ que apresentamos a seguir.



² Para a explicitação e distinção de conceitos similares recomendamos a leitura do artigo Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural (SILVA, 2009). Em linhas gerais, “o fato de a subjetividade referir-se àquilo que é único e singular do sujeito não significa que sua gênese esteja no interior do indivíduo. A gênese dessa parcialidade está justamente nas relações sociais do indivíduo, quando ele se apropria (ou subjetiva) de tais relações de forma única (da mesma maneira ocorre o processo de objetivação).”

³ Em pesquisa realizada na Google Scholar, encontramos uma dissertação (FREITAS, 2000), algumas dezenas de artigos e um capítulo de livro (ALVES, 2006).

⁴ Neulinger (1981), um dos pioneiros em estudar o ócio a partir da Psicologia Social, o definiu como “um estado particular da mente que ocorre em condições de liberdade percebida e motivação intrínseca ou extrínseca e se caracteriza por orientar-se para uma meta ou significado”. Segundo ele: “O ócio, então, tem somente um critério essencial, que é a condição da liberdade percebida (...)”. (NEULINGER apud RHODEN, 2009).

⁵ Esse estudo teve origem numa dissertação de mestrado em Educação Física, sob o mesmo título, defendida em 2016 na UNB.



No Capítulo I, fizemos um apanhado geral do sociometabolismo do capital, complexo caracterizado pela divisão hierárquica do trabalho e que subordina suas funções vitais ao capital. Interessou-nos compreender a autorreprodução do capital, o neoliberalismo e a financeirização, o “novo” complexo de reestruturação produtiva (envolvendo as inovações tecnológicas, inovações organizacionais e inovações sociometabólicas) e o caráter conservador da pós-modernidade.

No Capítulo II discorremos sobre o irracionalismo e a miséria da razão enquanto expressões da decadência ideológica da burguesia. Retomamos o processo de elaboração da teoria da alienação em Marx e suas contribuições para a compreensão do fetichismo e da reificação. Com o objetivo de melhor compreendermos o processo de captura da subjetividade do homem que trabalha sob o “novo” complexo de reestruturação produtiva, retomamos as contribuições do último Lukács.

O Capítulo III foi dedicado ao estudo do trabalho na constituição do ser social e suas relações com o lazer. Baseado nas indicações das obras de Marx e do último Lukács, reconhecemos o trabalho enquanto modelo de toda liberdade, mas que, nos limites de sua forma alienada, promove a produção e consumo destrutivos. Por fim, discorremos sobre as particularidades do processo histórico dos EL no Brasil, seus ciclos de produção e o movimento recente de *refuncionalização*.

No último capítulo (IV), analisamos como o capital se reproduz constituindo (e instituindo), cada vez mais nexos de subjetividade e formas de subjetivação, porém, não produzindo obrigatoriamente o desenvolvimento da personalidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade temos um lazer que é experiência e mercadoria em si, mas também *valor de uso prometido e palco de vivências* (MASCARENHAS, 2005). O “direito ao prazer total” ou êxtase-lazer, uma experiência altamente fragmentada e reiterativa, de conteúdo social cada vez mais pobre, completa a anatomia do lazer na contemporaneidade.

Ambos favorecem o enfraquecimento do ser social ao ocultar as contradições da vida social. Ao impor a mera adaptação passiva ao ambiente espetacular das mercadorias, o capital opera uma sinistra desefetivação do ser genérico do homem. Identificamos nessa tendência um duplo processo com inúmeras repercussões: 1) um processo de dessubjetivação humano-genérico (e de classe) e; 2) um processo de subjetivação fetichizado no sentido de formação de “individualidades humanas abstratas” afetadas de negação (ALVES, 2010).

No terreno das inovações sociometabólicas do “novo” complexo de reestruturação produtiva temos uma “pletora de valores-fetichismo, expectativas e utopias de mercado” (ALVES, 2012). Tais inovações se disseminam na forma de signos e imagens que se cristalizam em noções, vocábulos ou conceitos que falam por nós nas instâncias de produção e reprodução social e que constituem o ambiente psicossocial da “captura da subjetividade”, nexo essencial do toyotismo. No que envolve a reprodução social se disseminam a corpolatria e as utopias do corpo, simulacros de emancipação do corpo-sujeito da disciplina do capital.

A intensificação do trabalho pelo recurso das tecnologias da informação avassala o tempo de não trabalho de operários e empregados, inclusive do alto escalão administrativo, que ficam totalmente a mercê da empresa. Não se sabe mais onde se encerra a jornada, quando será a folga, as férias ou a aposentadoria.

A subsunção real do lazer ao capital, no entanto, não elimina do fenômeno sua estreita ligação com a emancipação humana, uma vez que contraditoriamente possibilita pautar o problema da liberdade e da felicidade. (HUNGARO, 2008). Porém, lutar pela garantia de acesso ao lazer como direito social deve ter no horizonte a perspectiva estratégica de superação do capital.

O lazer pode assumir a perspectiva emancipatória quanto mais e melhor exercer o papel de uma atividade educativa, o que obrigatoriamente pressupõe a luta pelas condições para atingir tal objetivo. É nesse contexto que ganha importância a luta pela redução da jornada combinada à luta pelo controle (e redução) do tempo do trabalho, com vistas a constituição de uma sociedade que permita uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho, baseada no trabalho associado e que possibilite uma sociabilidade efetivamente livre.



SUBJECTIVITY AND LEISURE: CONTRIBUTIONS TO A CRITICAL ANALYSIS

ABSTRACT

Given the little occurrence and limits of research that approached the relationship between leisure and subjectivity, we identified in leisure studies linked to the Marxist tradition the possibility of developing the theme by assuming the mutual subject-object determination. An important element in the disputes between capital and labor, we recognize in leisure the possibility of obliteration of subjectivity (alienated), as well as questioning the limits of freedom and happiness promised by it.

KEYWORDS: *Leisure; Subjectivity; Human Emancipation.*

SUBJETIVIDAD Y OCIO: CONTRIBUCIONES PARA UN ANÁLISIS CRÍTICA

RESUMEN

Constatada la poca ocurrencia y límites de investigaciones que abordaron la relación entre ocio y subjetividad, identificamos en los estudios del ocio vinculados a la tradición marxista la posibilidad de desarrollo del tema por asumir la mutua determinación sujeto-objeto. Es importante elemento en las disputas entre capital y trabajo, reconocemos en el ocio la posibilidad de obliteración de la subjetividad (alienada), como de cuestionamiento de los límites de la libertad y felicidad por él prometidos.

PALABRAS CLAVES: *Ocio; la subjetividad; Emancipación Humana.*

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. Trabalho, subjetividade e lazer: estranhamento, fetichismo e reificação no capitalismo global. In: *Dialética do lazer*. Valquíria Padilha (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.
- ALVES, G. *Lukács e o século XXI: trabalho, estranhamento e capitalismo manipulatório*. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.
- ALVES, G. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- DIAS, C. et al. Estudos do lazer no Brasil em princípios do século XXI: panorama e perspectivas. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 2., p. 601-616, abr./jun. de 2017.
- FREITAS, P.S. *Lazer e subjetividade: a mútua determinação esquecida nos currículos de educação física*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2000.
- HUNGARO, E.M. *Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer*. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- MARTINS, J.C.O. *Sentidos e possibilidades subjetivas do tempo livre*. *Licere*, Belo Horizonte, v.11, n.2, s/p, ago.2008.
- MASCARENHAS, F. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.
- PEIXOTO, E.M.M. *Estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2007
- PINHEIRO, K.F.; RHODEN, I.; MARTINS, J.C.O.M. A experiência do ócio na sociedade hipermoderna. *Rev. Mal-Estar Subj.* vol.10 n.4, Fortaleza, dez. 2010.
- RHODEN, I. O ócio como experiência subjetiva: contribuições da psicologia do ócio. *Rev. Mal-Estar Subj.* vol.9 n.4, Fortaleza, dez. 2009.
- SILVA, F.G. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, São Paulo, 28, 1º sem., pp. 169-195, 2009.

